

## “BOVID-17” E “COMUNAVÍRUS”: FÓRMULA DISCURSIVA, REFORMULAÇÃO E MEMÓRIA<sup>1</sup>

Hélio OLIVEIRA<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo examina possíveis fórmulas discursivas que têm circulado no universo discursivo brasileiro durante a pandemia da covid-19, destacando a relação que essas formulações constroem entre história, memória e discurso. Trata-se de explorar o funcionamento das fórmulas como um “lugar de memória”, traço que, nos exemplos analisados, parece ser essencial para o processo de produção de sentidos dos termos “bovid-17”, “comunavírus” e suas reformulações.

**Palavras-chave:** Fórmula discursiva; Memória discursiva; Polêmica; Covid-19;

### Abstract

This paper examines probable discursive formulas in the context of covid-19 pandemic in the Brazilian social space. The goal is to analyze the relationship that these formulations build linking history, memory and discourse. To do so, the formulas “bovid-17”, “comunavirus” and its reformulations are considered as a “place of memory”.

**Keywords:** Discursive formula; Discursive memory; Polemics; Covid-19;

### Introdução

Momentos de transformação social são propícios para o surgimento e para a circulação de fórmulas discursivas, objetos em constante ebulição, que participam ativamente das discussões sociais de seu tempo. Embora sejam um ponto de convergência de questões relevantes no espaço público, nem sempre é fácil identificar a gênese de uma fórmula discursiva, ou seja, o momento em que uma palavra ou expressão deixa de corresponder aos sentidos que lhe são comuns, relativamente sedimentados naquela comunidade de falantes, e se torna polêmica, começa a resistir às definições impostas, sendo, então, constantemente reformulada e redefinida.

---

<sup>1</sup> Este texto é decorrente da *live* apresentada pelo autor em 17 jul. 2020, no Projeto “Discurso em Tempos de Pandemia” - Fase I, promovida pelo grupo LEEDIM-UFSCar, disponível no YouTube em: [https://www.youtube.com/watch?v=fVF7ULb0\\_CA](https://www.youtube.com/watch?v=fVF7ULb0_CA), acesso em 30 out 2020.

<sup>2</sup> Professor nos cursos de Letras e de Pedagogia na UNIFEOB, São João da Boa Vista, SP, e membro do grupo Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise (FEsTA/IEL-UNICAMP). [helio.oliveira@unifeob.pro.br](mailto:helio.oliveira@unifeob.pro.br)

Pelo fato de o aumento da circulação desses termos ser ainda recente, é difícil afirmar se “coronavírus” e “covid-19” representam uma fórmula discursiva – certamente não o são no campo científico, onde seus sentidos desfrutam de estabilidade –, mas é inegável que esses termos tenham se deslocado do campo discursivo de origem e passaram a circular no universo discursivo brasileiro contemporâneo, com sentidos imprevistos, predicando situações e personalidades de destaque no país, aparecendo em gêneros tão variados quanto charges, notícias, estampas de camiseta, cartazes, memes etc., produzindo sentidos outros, embora carregue consigo uma certa memória.

Neste trabalho, o principal objetivo é explorar a hipótese segundo a qual funcionar como um “lugar de memória” seria uma propriedade constitutiva das fórmulas discursivas, tal como proposto em Oliveira (2018). Trata-se dos resultados parciais de uma pesquisa, ainda em andamento, que analisa as formulações “Bovid-17”, “Comunavírus” e outras variantes.

### **Fórmula e memória**

Na esteira de estudiosos como Faye (1972) e Fiala e Ebel (1982), Alice Krieg-Planque (2010) refina a noção de fórmula discursiva e propõe quatro propriedades essenciais à natureza formulaica: apoiar-se em um significante relativamente cristalizado, funcionar como um referente social, ser polêmica e ser um objeto discursivo. Krieg-Planque, então, a define como uma palavra (ou termo, ou nominalização, ou *slogan*) que sintetiza temas sociopolíticos, isto é, “um ‘lugar’ privilegiado para compreender como os diversos atores sociais organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião” (2010, p. 09). A autora francesa ainda acrescenta que “as fórmulas estão carregadas de questões, elas têm história, fazem parte da história” (p. 101).<sup>3</sup>

É justamente a relação da fórmula com a história que nos chamou à atenção para o funcionamento da memória, presente, de maneira expressiva, nas discussões suscitadas pelas fórmulas. Tomando como base uma pesquisa sobre a fórmula “consciência negra” e tendo em vista o papel essencial – constitutivo – da memória nas ocorrências e na circulação de outras fórmulas mencionadas na mesma pesquisa, propusemos, então, uma propriedade adicional àquelas já descritas por Krieg-Planque, considerando-a “um elemento identificador da natureza formulaica: *funcionar como um lugar de memória*,

---

<sup>3</sup> Uma coletânea de trabalhos desenvolvidos por diversos pesquisadores brasileiros sobre a noção de fórmula discursiva pode ser encontrado em POSSENTI e OLIVEIRA (2020).

no sentido discursivo do termo” (OLIVEIRA, 2018, p. 121). Localizada entre história e memória, a fórmula se apresenta como elo discursivo que liga essas duas instâncias, nos discursos em que figura.

Essa proposta se inspira, em parte, no conceito de “lugar de memória” proposto pelo historiador Pierre Nora (1993). Segundo o estudioso francês, um lugar de memória pode abranger aspectos materiais (um depósito de arquivos), funcionais (um manual, um testamento) e simbólicos (um minuto de silêncio), mas nem tudo pode corresponder a essa categoria, pois ela deve representar uma “vontade de memória”, ou seja,

(...) esses lugares nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p.13).

Embora sejam “pilares onde a história se apoia”, encontram-se constantemente ameaçados: “se a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história” (1993, p.13).

Partindo dessas considerações, tentamos aproximar esse conceito à noção memória discursiva, cujo percurso histórico e epistemológico, no campo da Análise do Discurso (AD), pode ser encontrado em Paveau (2005), para quem essa noção sofreu “evoluções e enfraquecimentos” ao longo de um trajeto de difícil apreensão.

Foi Jean-Jacques Courtine quem introduziu o conceito de memória no campo da AD, articulando os trabalhos de Pêcheux e de Foucault:

O que entendemos pelo termo “memória discursiva” é distinto de toda memorização psicológica do tipo daquela cuja medida cronométrica os psicolinguistas se dedicam a produzir (...). A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos; ela visa o que Foucault ([1971] 1996) levanta a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, “discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer (COURTINE, [1981] 2009, p. 105, 106).

Paveau aponta alguns fatores que concorreram para o enfraquecimento da noção de memória discursiva na medida em que a aproximam do indivíduo ou a restringem ao texto, ou seja, a afastam do condicionamento histórico-ideológico tão caro à AD. Um desses fatores é o processo de *psicologização* representado, principalmente, pela

psicologia cognitiva e sua concepção de memória semântica, a partir da qual o indivíduo recorre a uma espécie de enciclopédia mental. Uma vez que a memória se encontraria limitada à mente, as dimensões coletiva, social e histórica se encontram, também, praticamente apagadas (PAVEAU, 2005, p.3).

A analista do discurso tenta resolver a incompatibilidade entre os estudos da cognição e a AD, aproximando a memória justamente daquilo que poderia desqualificá-la: a autora propõe o funcionamento de uma memória cognitivo-discursiva.

Nós a definimos, em nossa perspectiva (que amplia os agentes de distribuição aos elementos não-artefaturais como os sentimentos e valores), como um processo de transmissão sincrônica e diacrônica de quadros pré-discursivos coletivos, esses últimos (conhecimentos enciclopédicos, crenças, emoções, percepções) sendo distribuídos de maneira colaboradora entre os agentes humanos e não-humanos graças aos organizadores psíquicos internos, mas igualmente externos (ferramentas discursivas como a lista, o dicionário, o quadro, o memento, o guia de conversação, ou, mais amplamente, semióticos como as cores, as insígnias, as roupas etc.). [...] Vislumbrar uma memória cognitivo-discursiva é ultrapassar uma concepção estática para adotar uma concepção dinâmica que faz da memória um verdadeiro operador pré-discursivo e discursivo (PAVEAU, 2005, p. 5).

Nessa perspectiva, os saberes, crenças, pensamentos etc., estão sempre articulados com o chamado “mundo exterior” e não simplesmente encapsulados no interior de “módulos internos”. Para deixar claro o aspecto não psicológico de sua proposta, Paveau alude aos estudos de Halbwachs (1997) sobre a memória coletiva:

Contra a ideia de que a lembrança é individual, Halbwachs mostra que a ilusão de lembrar-se por si mesmo é devida à insensibilidade em relação à influência do meio social. Contra a tese da espontaneidade natural, ele defende aquela do encontro, no indivíduo, de correntes de opinião que têm uma realidade objetiva fora dele (PAVEAU, 2007, p. 3).

A autora observa que a noção de memória coletiva em Halbwachs “se articula bem com a posição dos analistas do discurso sobre as produções dos locutores: os discursos são tanto imagens da realidade quanto construções dessa mesma realidade”, dessa forma, continua ela, “o passado não escapa à regra: a memória do discurso constrói o passado ao mesmo tempo em que ela o restitui, pois, toda a restituição é reconstrução” (PAVEAU, 2013, p.93).

Em nossa concepção, a fórmula mantém um laço inseparável com a operação da memória discursiva no tecido social, ambas, aliás, constitutivas do tecido social. Na verdade, a fórmula atua como peça-chave no *start* das engrenagens que colocam em movimento memória e discurso, em relação a um tema específico. Nesse sentido, quando dizemos que a fórmula funciona como um lugar de memória não nos referimos a

uma memória que seja imediatamente localizável, voluntária e consciente, meramente impressa ou expressa em estátuas, monumentos, praças, bandeiras, pronta para ser “recuperada”. No que diz respeito ao funcionamento da fórmula, ela é um lugar de memória sempre fluido, em processo (...) Trata-se de (re)construção memorial (OLIVEIRA, 2018, p. 120).

Vejamos alguns exemplos desse tipo no caso das formulações “Bovid-17”, “Comunavírus” e suas variantes.

### **“Comunavírus”, “Bovid-17”, e reformulações**

Conforme reconhecemos na introdução, não é possível afirmar, por enquanto, se existe uma fórmula comum operando como o centro das reformulações examinadas neste trabalho. Uma hipótese poderia considerar o termo “coronavírus” como uma única fórmula, fonte das demais variantes, por ser a unidade lexical há mais tempo em circulação (desde os anos 1970), saindo campo científico, ganhando novos contornos durante a pandemia, e só então começado a funcionar como fórmula discursiva. Em favor dessa interpretação está o fato de “coronavírus” ter se tornado uma palavra popular, no sentido de não ser empregada no jargão médico, que prefere “novo coronavírus” ou, mais especificamente, “Sars-Cov-2”, para se referir ao patógeno atual, mutação bastante diferente do vírus de outrora. “Coronavírus”, assim, começa a ser empregado em realidades distantes do contexto médico-hospitalar, e aparecem reformulações como “comunavírus” (para atacar representantes da esquerda política, embora a palavra também seja empregada pela própria esquerda, com conotação positiva) e “coronarovírus” (para atacar Jair Bolsonaro e sua política negacionista frente à pandemia), entre outros exemplos, sofrendo sucessivas reformulações, típicas do funcionamento das fórmulas.

Outra hipótese seria a existência de duas fórmulas distintas, “comunavírus” e “bovid-17” (além de respectivas variantes), que nasceriam juntas, embora antagonistas. Essa última direção parece a mais instigante, o que poderia revelar a existência de

fórmulas mutuamente constitutivas e antagônicas, semelhantes ao fenômeno dos estereótipos opostos, explorados por Baronas e Ávila (2015). A gênese dessas duplas de fórmulas parte de uma relação interdiscursiva mais ampla, no seio da qual surgiriam outras formulações igualmente polarizadas como “esquerda caviar” *versus* “direita coxinha” e “petralha” *versus* “bolsominion”.

Este trabalho não examina as hipóteses mencionadas, mas se restringe à análise do funcionamento da memória nas ocorrências de algumas supostas fórmulas, sem buscar, no momento, o percurso mais amplo de cada uma delas ou uma origem comum a todas as reformulações. Dito isso, passemos aos primeiros excertos.

(1) O comuna vírus: crônica de uma pandemia.<sup>4</sup>

(2) Comunavírus: o pesadelo comunista está de volta! Entenda tudo antes que seja tarde demais!<sup>5</sup>

(3) Comunavírus: Ernesto Araújo diz que pandemia será usada para instaurar comunismo no mundo.<sup>6</sup>

(4) Comunavírus: Flávio Dino e o “efeito abafa! Sobre os novos números da pobreza no Maranhão.”<sup>7</sup>

(5) Sintomas do comunavírus – Acredita que o Lula ficou bilionário de forma honesta; Tem tesão por bandido e quer ver todos os condenados soltos; (...).<sup>8</sup>

(6) CANALHAVÍRUS Congresso Nacional.<sup>9</sup>

Funcionar como um “lugar de memória” é uma propriedade intimamente ligada ao caráter de referente social da fórmula, ou seja, ser um referente social significa que ela se impõe no espaço público como questão a ser discutida e, atrelado a isso, seu caráter memorial impõe o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido no âmbito dessas discussões.

<sup>4</sup> GONZAGA, Cláudio. **Educandose**. Blog disponível em: <<https://bit.ly/3eDsRpF>>, acesso em 31 out. 2020.

<sup>5</sup> AMORIM, Aluizio. **Jornalismo politicamente incorreto**. Blog disponível em: <<https://bit.ly/36e27IJ>>, acesso em 31 out. 2020.

<sup>6</sup> Matéria não assinada. **Sputnik News**. Disponível em: <<https://sptnkne.ws/Cg9B>>, acesso em 31 out. 2020.

<sup>7</sup> SANTOS, Ricardo. **Blog do Ricardo Santos**. Disponível em: <<https://bit.ly/2IfLNPG>>, acesso em 31 out. 2020.

<sup>8</sup> Matéria não assinada. **Vindo dos Pampas**. Disponível em: <<https://bit.ly/2IjNf3B>>, acesso em 31 out. 2020.

<sup>9</sup> CRAVO, Alice (et al). Manifestantes ignoram alerta contra coronavírus e fazem atos contra o Congresso em capitais. **O Globo**. Disponível em: <<https://glo.bo/315JQDD>>, acesso em 31 out. 2020.

Um dos indícios de que “comunavírus” pode ser uma fórmula é o fato do termo ocupar posição de destaque nos textos em que aparece: além de figurar nas manchetes, a palavra está localizada em um lugar específico da manchete, o lado esquerdo dos dois pontos que separam o “enunciado referencial” (aquilo que é presumidamente conhecido pelo leitor, um tópico de interesse público) e o “enunciado informacional” (o que é supostamente desconhecido pelo leitor, a informação nova ou explicação que será dada a respeito do tópico anunciado). Com efeito, a recorrência de uma palavra ocupando a posição de enunciado referencial em manchetes, títulos, subtítulos, lides e outros gêneros do campo jornalísticos é um forte indicativo de que aquela palavra provavelmente seja uma fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 98).

Nos excertos do *corpus*, a provável fórmula aparece em um significante relativamente estável, sujeito a alterações, como na expressão formada por duas palavras, “comuna” e “vírus” (excerto 1), que dá destaque para a ideia de “comuna” (denominação das antigas cidadelas medievais que conseguiam conquistar sua independência em relação ao domínio do rei, posteriormente significada como uma referência às células do partido comunista), ou formada por um único termo, “comunavírus” (excerto 2), ocorrência bem mais frequente, provavelmente pela semelhança morfológica e fonética com “coronavírus”, ou, ainda, reformulada como “canalhavírus” (excerto 6), substituindo o segmento “comuna” pela ofensa “canalha”.

O estrato memorial se presentifica marcando um posicionamento discursivo específico, aquele situado à direita do espectro político, contrário ao regime comunista de governo e a tudo o que ele pode representar para quem está assujeitado ao discurso anticomunista. A análise detalhada da questão demandaria, obviamente, a consideração não só das manchetes, mas a dos respectivos textos que elas encimam. Todavia, para fins de ilustração do papel da memória em relação às ocorrências dessa provável fórmula, alguns aspectos mostram-se suficiente. Por exemplo, as menções explícitas ao comunismo, qualificando-o como “pesadelo” e como algum tipo de ameaça que necessita de enfrentamento urgente, “antes que seja tarde demais” (excerto 2), além de apontá-lo como um suposto problema de proporções mundiais (excerto 3).

Inicialmente, destacam-se dois aspectos diretamente ligados à memória dos discursos. Primeiro, considerando uma duração histórica mais longa, recuperam-se dizeres relacionados ao temor da dominação comunista tal como movimentos totalitários fizeram circular na Europa, principalmente antes da Segunda Guerra Mundial. O medo do suposto “perigo” do comunismo foi um elemento importante,

atestado pelos historiadores, para a ascensão do fascismo e do nazismo, por exemplo. Segundo, é possível recuperar, de maneira mais intensa, pela proximidade temporal, o discurso de demonização dos “vermelhos”, muitas vezes abertamente denominados comunistas, por parte do então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, durante a campanha eleitoral de 2018. Personalidades em nada próximas da esquerda política, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, a jornalista Raquel Sherazade e o jornalista Reinaldo Azevedo, foram rotuladas de comunistas por Bolsonaro e seus aliados. “Nossa bandeira jamais será vermelha”, uma alusão ao enfrentamento do comunismo, tradicionalmente representado pela cor vermelha, foi lema constantemente enunciado na campanha mencionada.

O tom desesperado, que reforça os sentidos de iminência de um grande perigo, se caracteriza pelas referências a “pesadelo”, já comentada, pelos sinais de exclamação (excertos 2 e 4), pela temeridade de ver bandidos e condenados soltos (excerto 5), pelas letras maiúsculas (excerto 6), pelo fato de a maioria das ocorrências de “comunavírus” e suas variantes ser grafada em negrito ou com uma fonte maior do que o restante da frase (observável nos sites e páginas em que os enunciados aparecem), aliado ao fato de estar ocupando a posição de tópico da manchete e, sobretudo, pelo efeito de sentido construído na atualidade, a partir da própria mortalidade causada pelo vírus, um agente nocivo por natureza, potencializado a um perigo mortal na pandemia de covid-19. A menção aos “sintomas do comunavírus” colocam a adesão ao comunismo – posição política perfeitamente legítima e natural em uma democracia, vale a pena dizer – como uma doença, aparentemente contagiosa.

O excerto 6 representa uma reformulação peculiar, pois não se dirige diretamente ao comunismo (embora seja possível dizer que “canalhavírus” se valha dos sentidos em circulação relativos a “comunavírus”), mas sim aos integrantes do Congresso Nacional, evocando outro fato político recente, as manifestações de bolsonaristas contra o Supremo Tribunal Federal e contra o Congresso. O termo “canalhavírus” se apresenta como um lembrete constante dessas manifestações contra as instituições democráticas do país e, de modo mais subjacente, embora não menos significativo, pode-se recuperar, a depender do contexto em que o enunciado aparece (em faixas, bandeiras, cartazes, gritos dos manifestantes etc. frequentemente em sintonia com outros enunciados, como “intervenção militar já!”), dizeres sobre a volta dos militares ao poder, pedidos de intervenção militar e de fechamento do Congresso Nacional.



A fórmula opera, assim, com laços memórias de diferentes extensões, sobrepondo sentidos do presente e do passado, em suas diferentes durações, na mesma formulação. Aplicando as observações de Courtine ao contexto aqui analisado, a memória do horror ao comunismo quebra o esquecimento, irrompendo na atualidade da pandemia de covid-19, fazendo circular dizeres anteriores, eventualmente esquecidos, produzindo “um efeito de memória na atualidade de um acontecimento” (2009 [1981], p. 104).

Para tratar da expressão “bovid-17”, entre as diversas ocorrências no *corpus*, selecionamos três textos com linguagem verbal e não-verbal, úteis para ilustrar a participação de elementos multissemióticos no processo de produção de sentidos (A Figura 2 é apenas um objeto de comparação com a Figura 1).



Figura 1. Imagem disponível publicamente no perfil *GlowPerrys*, no *Twitter*<sup>10</sup>.

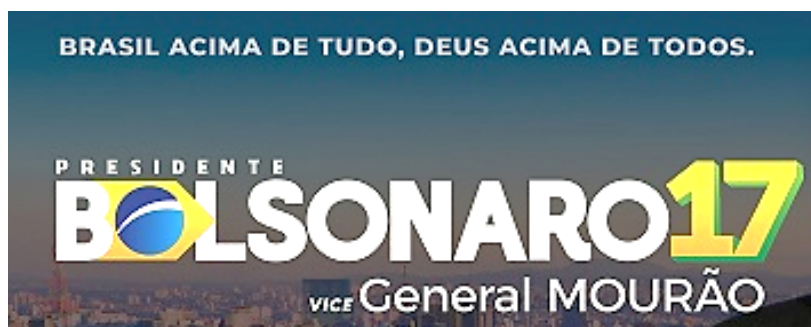


Figura 2. Imagem de material da campanha de Bolsonaro, disponível publicamente<sup>11</sup>.

A presença da fórmula em textos que mesclam linguagem verbal e não-verbal é atestada por Krieg-Planque (2015, p. 21), para quem “diferentes elementos que implicam o estrato gráfico e icônico, assim como o estrato verbal, devem ser igualmente levados em conta no contexto da fórmula”.

Nos excertos em exame, isso acontece de forma exemplar, pois, para compreender (e explicar) o processo de produção de sentidos desses enunciados é preciso relacionar

<sup>10</sup> Twitter, perfil público disponível em: < <https://bit.ly/3pcDZiu>>, acesso em 31 out. 2020.

<sup>11</sup> CIPRIANI, Juliana. Bolsonaro pode manter slogan 'Deus acima de todos', decide Justiça. **Correio Braziliense**. Disponível em: < <https://bit.ly/2U5L99H>>, acesso em 31 out. 2020.

os elementos linguísticos (a materialidade textual) com os elementos multissemióticos (não verbais) relacionando-os com a memória discursiva. Faremos uma breve descrição desses aspectos, complementando-a com interpretação, em cada um dos casos.

Focalizando a dimensão linguística, identifica-se, na Figura 1, a expressão “BOVID-17” como uma reformulação do termo científico “covid-19” (observa-se a troca do número 9 pelo 7 e a troca da letra C pela B), além da relação intertextual (e interdiscursiva) com o *slogan* da campanha de Bolsonaro, na Figura 2, que circulou massivamente em 2018: sintaticamente, tratam-se de duas asserções separadas por uma vírgula: “[...] acima de tudo , [...] acima de todos”, nos dois casos. Para além da intertextualidade que caracteriza os dois *slogans* (que poderiam compor “cartazes” ou “panfletos” de propaganda política), vale ressaltar, ainda que de passagem, a importância de se identificar a relação interdiscursiva entre os dois *slogans*, por meio da qual os discursos representados por cada um dos excertos se colocam em posição de luta, de confronto...

Dirigindo o olhar para os elementos semióticos presentes no texto da Figura 1 (as cores, o formato das letras, a imagem de um animal bovino), pode-se afirmar que a memória da última campanha eleitoral para presidência une esse evento à pandemia de covid-19, acrescentando sentidos adicionais. Não se trata meramente de “lembrar” da campanha de Bolsonaro, mas de recuperar dizeres/sentidos relativos ao contexto das eleições e até mesmo anteriores a 2018.

Inicialmente, pode-se apontar que alguns elementos semióticos são os mesmos nas Figuras 1 e 2: o tamanho e formato das letras, as cores e o número “17” são exatamente iguais. A diferença consiste na imagem que aparece junto à letra B. No *slogan* original (Figura 2), há uma representação da bandeira brasileira; na reformulação (Figura 1), surge a imagem de um bovino dentro da letra “O”.

O primeiro laço memorial que se produz é em relação ao fato (anterior à pandemia) de que os apoiadores do Bolsonaro são caracterizados como “gado”: circulam expressões como “fulano é gado do Bolsonaro”, há inúmeros memes com a imagem de uma vaca ou de um boi elogiando o atual presidente, há um “selo de qualidade” com a imagem de um boi com o intuito de identificar os defensores do Bolsonaro e é comum haver comentários simulando um mugido em resposta às postagens feitas em apoio ao presidente nas redes sociais. A fórmula “bovid-17”, assim, atualiza a memória desses dizeres, mas vai além desses fatos.

A relação memorial se desdobra para sentidos muito anteriores à eleição do Bolsonaro, fazendo emergir um conhecido o estereótipo, segundo o qual há pessoas que tem uma “atitude bovina”. Essa expressão, uma espécie de lugar comum, um tanto pejorativa, é utilizada para dizer que alguém é muito passivo, não questiona, não reage a nada – uma alusão a índole excessivamente mansa das vacas e bois criados em cativeiro. Também se diz que alguém tem “postura bovina”, significando que ela não é muito inteligente, além das expressões “comportamento de manada” (eventualmente mobilizada em estudos sociais e antropológicos) e “vida de gado”, essa última, bem popular, empregada em contextos de vida sofrida, cheia de privações, mas, também, de vida alienada e estúpida, o que, de qualquer forma, torna possível classificar todas essas expressões como não elogiosas. Assim, constituída em uma trama, a fórmula “bovid-17” se apoia em uma rede de relações memoriais para produzir sentidos, para significar.

Acrescente-se a essa rede de sentidos a conotação negativa que “bovid” recebe, ao evocar a doença “covid”, à semelhança de “comunavírus/coronavírus”. Portanto, segundo o posicionamento em análise, não se trata apenas de ser bovino (passivo, ignorante, alienado), mas, de certa forma, de estar doente, estar contaminado com essa doença debilitante que “cega” os apoiadores do presidente, o que converge e reforça o sentido do slogan “Cegueira acima de tudo, ignorância acima de todos”.

Além do caráter memorial fomentar a produção de sentidos apoiando-se em dizeres anteriores, estereótipos, lugares comuns etc., a entrelaçada teia de memórias construídas pela fórmula se liga a acontecimentos históricos e a acontecimentos discursivos, dos quais a charge a seguir é um exemplo.

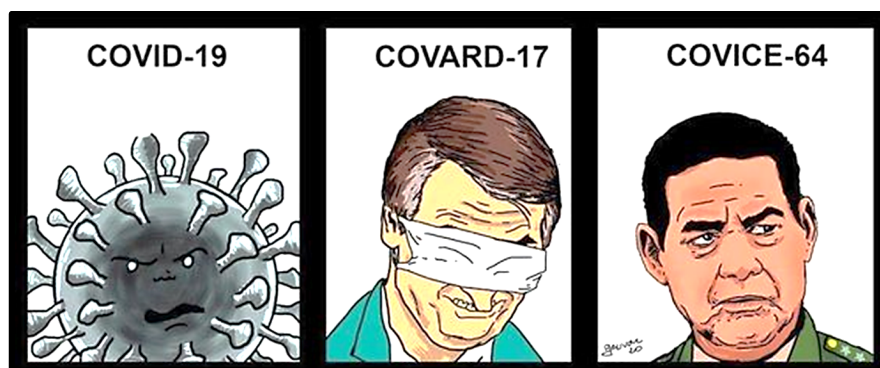


Figura 3. Imagem disponível publicamente no Blog Gustavo Horta<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> HORTA, Gustavo. **Exterminar os mais fracos e os mais pobres é projeto do governo Bozo.** Disponível em: <<https://bit.ly/2U6KDsg>>, acesso em 31 out. 2020.

A figura 3 apresenta outras duas reformulações de “covid-19”: “covard-17” e “covice-64”, distribuídas em três “retratos” que, respectivamente, identificam os três tipos de vírus nomeados pelos termos mencionados. No primeiro quadrinho, há uma ilustração do coronavírus tal como aparece nos compêndios de microbiologia (esférico, com uma série de espículas formando a característica “coroa” [corona], embora seja acrescido de olhos, nariz e boca, numa face raivosa). No segundo quadrinho, vê-se o rosto de Jair Bolsonaro, atual presidente, com uma máscara cobrindo-lhe os olhos. No terceiro quadro, há um retrato do vice-presidente Hamilton Mourão, vestido com a farda militar, parcialmente visível na ilustração.

A memória se mostra tanto em relação a fatos simultâneos à atualidade – os três assim denominados vírus estão em ação no Brasil atualmente (a pandemia de covid-19 continua contaminando e mantendo pessoas, enquanto o presidente e seu vice continuam prejudicando a população com a péssima gestão da saúde pública) – quanto em relação a dois acontecimentos específicos, separados no tempo.

O primeiro acontecimento a ser lembrado é mais recente, está ligado ao retrato de Bolsonaro identificado pelo termo “covard-17”, e rememora a primeira coletiva de imprensa do Ministério da Saúde sobre a pandemia de covid-19 no país, em março de 2020. No evento, segundo a cobertura jornalística, a equipe do governo demonstrava falta de articulação entre os membros, principalmente entre o presidente e o então ministro da Saúde, Luís Henrique Mandetta, que seria exonerado do cargo poucos dias depois. Nessa coletiva, popularizou-se uma foto em que Bolsonaro, sem saber como utilizar a máscara, acabou deixando, por alguns instantes, que o item de proteção cobrisse seus olhos em vez de cobrir a boca e o nariz. A cena se tornou icônica ao simbolicamente representar o quão patética tem sido a gestão dele na presidência, principalmente em relação ao combate à pandemia.

Em consonância com a imagem, a palavra “covarde” (evocada por “covard-17”) qualifica a atitude cínica e nada honrosa do chefe da nação ao negar as mortes em meio à crise de saúde e fugir do enfrentamento da doença, evitando enxergar a gravidade da situação (os olhos tapados pela máscara simbolizam a autoinfligida cegueira). Essa interpretação se confirma pela posição derrotada (acovardada) do presidente, retratado com os olhos cobertos e com a cabeça baixa. Apesar de ser um acontecimento recente, a coletiva de imprensa (e todas as nuances a ela relacionadas) é um fato do passado que a fórmula constantemente relembra.

O segundo acontecimento rememorado pela fórmula e suas reformulações diz respeito a um fato histórico mais antigo, o período da ditadura estabelecida no Brasil pelo golpe militar de 1964, representado pela constatação de que vice-presidente retratado no último quadrinho é um general do exército, somado ao fato de haver muitos cargos no atual governo ocupados por militares, aproximando os tempos atuais e a época da ditadura.

Recorrendo uma vez mais aos elementos não-verbais, merece destaque a expressão com que o general foi retratado: as sobrancelhas franzidas, os lábios fechados, levemente tensos, algumas rugas na testa e, principalmente, o olhar lateralizado, fixo em outro lugar, sugerem uma postura de desconfiança, de caráter duvidoso, alguém que está presente em um local, mas olhando para outro, avaliando possibilidades outras. Esses sentidos se alinham à posição fugidia dos militares hoje em dia, ora apoiando ora criticando o presidente, bem como os embates velados entre o vice-presidente e o chefe do executivo federal<sup>13</sup>, sem ser possível saber exatamente quais são as intenções dos militares e pondo em suspeição a fidelidade ao presidente – fala-se, com certa frequência, no perigo de haver um novo golpe militar no Brasil, levado a cabo pelo vice-presidente (um “golpe dentro do golpe”). Assim, a lembrança da ditadura surge ressignificada pelo caráter nocivo de um vírus mortal na formulação “Covice-64”.

### **Considerações finais**

A análise pretendeu mostrar que uma unidade lexical não nasce fórmula, mas se torna uma, a depender dos usos sociais que a tomam como referente, dos debates que ela suscita, dos espaços nos quais passa a aparecer e, sobretudo, das memórias que ela evoca e presentifica. Embora se trate de uma pesquisa ainda em curso, foram encontradas evidências de que “coronavírus” e “covid-19” nem sempre foram fórmulas (ou representantes de uma mesma fórmula), pois não geravam polêmicas nem se apresentavam como um lugar de memória discursiva. Ao extrapolar os limites do campo científico, esses termos começaram a se comportar como fórmulas, inclusive, provocando reformulações que seguem acontecendo. O surgimento de mais dados talvez comprove, futuramente, a existência de uma única fórmula no centro de uma teia

---

<sup>13</sup> Cf. CUNHA, Romério. Mourão contraria Bolsonaro e diz que governo comprará vacina contra Covid-19 desenvolvida na China. **O Globo**. 30 out. 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/3eF011E>>, acesso em 31 out. 2020

de significantes relativamente próximos, ou o percurso de “fórmulas gêmeas”, embora antagonistas, produzidas e produzindo cada vez mais polarização nas questões de nosso tempo.

De qualquer modo, o trabalho reúne mais alguns indícios para confirmação da hipótese de que funcionar como um lugar de memória parece ser, de fato, uma propriedade constitutiva da natureza das fórmulas discursivas. Considerar a fórmula como lugar de memória é uma maneira de explicitar seu caráter histórico e de demonstrar como ela participa da história de uma comunidade (um grupo, um espaço social ou mesmo um país).

A história que a memória discursiva faz emergir ou esquecer, sob os auspícios da fórmula, não é meramente cronológica, mas confunde passado e presente, estratificando-se em diferentes durações – trata-se, portanto, de um lugar sempre fluido, em processo, lugar de tensões e de instabilidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONAS, R. L.; ÀVILA, F. G. Teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos: a piada levada a sério. In: BARONAS, L. R. (org) **Estudos discursivos à brasileira: uma introdução**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

COURTINE, J. J. Análise do discurso político : o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCar, [1981] 2009.

FAYE, J.P. **Introdução às linguagens totalitárias**. São Paulo : Perspectiva, [1972] 2009.

FIALA, P . EBEL, M. **Relations paraphrastiques et construction social du sens. Analyse d’une formule dans les discours xénophobes**. In : Modèles linguistiques, Lille : Presses Universitaires de Lille, fasc. 1, 1982.

HALBWACHS, M. **La mémoire collective**. Paris, Albin Michel, 1997.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de fórmula em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico**. São Paulo: Parábola, 2010.

KRIEG-PLANQUE, A. A fórmula “desenvolvimento sustentável”: um operador de neutralização de conflitos. In: BARONAS, R. L. et al. **Análise do Discurso: continuidades, calibrações, interfaces**. São Paulo: Paulistana, 2015.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, PUC/São Paulo, n.10, [1984] 1993.

OLIVEIRA, H. **O racismo que (não) se vê**: a fórmula “consciência negra” e a atopia do discurso racista brasileiro. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2018.

PAVEAU, M. A. Reencontrar a memória: percurso epistemológico e histórico. In: **Anais do II SEAD**, Porto Alegre, UFRGS, 2005, p.01-09

PAVEAU, M. A. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Num. 9, Tradução: Norma Goldstein. 2007, p. 311-331.

PAVEAU, M. A. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Trad. Graciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

POSSENTI, S. e OLIVEIRA, H. **Fórmulas discursivas em análise**. 2020/2021 [no prelo].

### **Como referenciar este artigo:**

OLIVEIRA, Hélio. “Bovid-17” e “Comunavírus”: fórmula discursiva, reformulação e memória. revista **Linguagem**, São Carlos, v.35, Dossiê *Discurso em tempos de pandemia*. novembro/2020, p. 171-185.